A LIBERDADE NA LITERATURA DE SARTRE[1]

*Maria Celeste Miranda Pinheiro**

RESUMO

Discute-se a questão da liberdade na literatura de Jean-Paul Sartre, limitando-se o enfoque à obra A Idade da Razão.

Palavras-chave: Realidade – humana. Existência. Liberdade. Consciência. Olhar

ABSTRACT:

It's discussed the question of freedom in the literature of Jean-Paul Sartre, limiting the focus on the work Age of Reason.

Keywords: Human reality. Existence. Freedom. Conscience, Look.

1 INTRODUÇÃO

No capítulo I da Terceira Parte do O Ser e o Nada – **A existência do outro** e mais precisamente, na parte IV – **O Olhar,** Sartre desenvolve os conceitos de **ausência** e **presença.** O conceito de ausência não pode ser referido a qualquer "não – ser – aí". Os lugares ocupados pelos objetos ou instrumentos, mesmo que designados com precisão, não derivam da natureza mesma desses objetos ou instrumentos. Tal prerrogativa (de conferir lugar para as coisas) pertence de modo exclusivo à realidade – humana, pois sendo esta suas próprias possibilidades, somente ela pode com propriedade, ocupar um lugar: "[...] a ausência se define como um modo de ser da realidade – humana em relação aos lugares que ela mesma determinou pela sua presença.". (SARTRE, 1984, p. 305).

E mesmo em se tratando de relações entre as pessoas, há uma especificação. Isto porque a ausência para a realidade

---

[1] Este artigo é parte de um projeto maior, que se propõe analisar a liberdade em toda a trilogia de Sartre: **Os Caminhos da Liberdade**.

* Mestre em Filosofia pela UFMG, professora do IESMA.

– humana não é concernente a um **lugar**, mas a **outros** homens. Implica um nexo essencial entre duas ou mais realidades – humanas e não entre a realidade – humana e o mundo objetivo. Nesse sentido a ausência é "[...]uma vinculação de ser entre duas ou mais realidades – humanas, a qual requer necessariamente a presença fundamental dessas realidades umas em relação às outras" (SARTRE, 1984, p. 306).

Há ainda um aspecto extremamente relevante no que diz respeito a este evento – para Sartre a ausência pressupõe a conservação concreta da existência, logo **a morte não é uma ausência.** Isto porque o **ser – em – situação** é tal em relação ao espaço humano e não em relação aos lugares enquanto tais. Generalizando as suas considerações Sartre afirma: "toda a realidade – humana está presente ou ausente sob o pano de fundo de uma presença originária com relação a todo homem vivente" (SARTRE, 1984, p. 307).

O fundamento da aludida presença originária é ser – olhado ou ser – que olha, o que respectivamente assinala a minha conversão em objeto para – o – outro ou o inverso, a sua conversão em objeto – para – mim. Ser – para outro é um aspecto ineliminável da realidade humana. Por isso somente altero ou desloco as minhas distâncias em relação ao outro. São apenas variações empíricas sobre o mesmo tema fundamental: **ser – para – outro**. Afastar-me, aproximar-me, etc..., Tanto faz.

Sob o pano de fundo do olhar sou circularmente remetido da transfiguração (ser que olha) à degradação (ser – olhado) e desta, para aquela. Modos de ser sem estabilidade própria, onde cada um necessariamente emerge das ruínas do seu antecedente, porque diz Sartre "[..] somente os mortos são perpetuamente objetos sem se converterem jamais em sujeitos. Pois morrer [...] é perder toda a possibilidade de se revelar como sujeito a um outro" (SARTRE, 1984, p. 324).

Seguindo os pressupostos indicados, como nos situaremos em relação a Sartre que cessou de existir em 1980? Podemos parafrasear K. O. Apel (em relação à Habermas) e afirmar **Pensar com Sartre. Contra Sartre?**

2 AS RELAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

Franklin Leopoldo e Silva considera que para compreender como se relacionam as duas formas de expressão como a Filosofia e a Literatura, encontraremos um leque de possibilidades:

> [...] uma relação de complementação recíproca entre a filosofia e a literatura; uma ilustração de temas filosóficos por via da criação ficcional; a constatação da insuficiência da exposição teórica, a tentativa de abarcar de modo mais abrangente as questões estudadas. (SILVA, 2003, p. 11).

Contudo em se tratando de Sartre, nenhuma daquelas possibilidades esgotaria a questão. Pois comprometeriam a especificidade e a originalidade do projeto sartreano de pensar a realidade – humana, enquanto existência radicalmente contingente. Opta então pelo estabelecimento de um **centro de irradiação** no projeto sartreano, o qual é determinante nas relações entre filosofia e literatura nomeada de **vizinhança comunicante.** Esta não deve ser entendida como uma relação de exterioridade e menos ainda de identidade absoluta entre ambas as formas de expressão. Mas algo como uma passagem interna, realizada de tal forma que a **comunicação direta** que se estabelece entre a filosofia e a literatura não ensejam a anulação da diferença entre ambas.

O pressuposto destas considerações localiza-se na **questão ética.** Pois, de acordo com o autor, se o existencialismo em Sartre conduz à afirmação do primado da realidade – humana, é afirmado como tal o lugar da ética no pensamento sartreano.

A questão ética será então o elemento elucidativo das relações entre a filosofia e a literatura em Sartre, pois é o próprio constitutivo dessas relações. Encontramos assim o fundamento da dupla forma de expressão em Sartre, enquanto instrumento privilegiado de tematização da perspectiva ético – existencial. Um exemplo ilustrativo apontado pelo autor: os

problemas éticos abordados em O Ser e o Nada reaparecem na trilogia **Os caminhos da Liberdade**, onde apontam para a forma de elaboração que receberão em **Crítica da Razão Dialética.**

No texto intitulado "Excurso sobre a dissolução da diferença de gêneros entre Filosofia e Literatura", contido na obra O Discurso Filosófico da Modernidade, J. Habermas aborda criticamente o procedimento adotado por Jacques Derrida denominado desconstrução, como um trabalho subversivo e rebelde, que tem por objetivo desmontar hierarquias conceituais, fazer desmoronar contextos de fundamentação e de relações conceituais de dominação, tais como as que se estabelecem entre fala – escritura, inteligível – sensível, natureza – cultura, interior – exterior, espírito – matéria, homem – mulher, sendo cada um destes pares conceituais constitutivos da lógica e da retórica; deslocando a primazia tradicionalmente estabelecida desde Aristóteles, da lógica para a retórica (HABERMAS, 1989, p. 227).

Habermas percebe em Derrida a mesma pretensão heideggeriana de um acesso esotérico à verdade. Sendo assim questiona – qual o lugar da "contradição"? Para Habermas somente pode-se falar em "contradição", quando há respaldo em exigências de consistência, as quais são desautorizadas se subordinadas a outra classe de exigências (por exemplo, as de tipo estético), tal como ocorre no caso em que a lógica perde a sua tradicional primazia sobre a retórica..

Na perspectiva desconstrutivista então se estaria legitimado a tratar as obras de filosofia como obras de literatura, assimilando igualmente a crítica filosófica aos critérios da crítica literária.

Derrida obscurece ou anula como tal o status peculiar que filosofia e literatura possuem cada qual a seu modo, enquanto mediadoras entre a cultura dos experts e a práxis cotidiana. Dissolver as diferenças entre os gêneros significa ao mesmo tempo, a assimilação da Filosofia à Literatura e vice – versa. É possível? Talvez ao preço da perda da peculiaridade das aludidas instâncias. Trata-se conclusivamente de superar a falsa pretensão de anular as diferenças de gênero entre a Filosofia e a Literatura.

3 A QUESTÃO DA LIBERDADE NA LITERATURA DE SARTRE.

Limitaremos o nosso enfoque à obra literária **A Idade da Razão** (1939), publicada somente em 1945. Tal obra constitui o primeiro volume da famosa trilogia sartreana – **Os Caminhos da Liberdade,** além dos romances **Sursis** (1945) e **Com a Morte na Alma** (1949). A trilogia deveria ter ainda incluído um quarto volume – **A Última Oportunidade,** do qual Sartre publicou apenas fragmentos na revista Temps Modernes.

Liberdade para Sartre significa a possibilidade de recuar, de tomar distâncias em relação aos objetos, ao mesmo tempo em que nos afirmamos em nossa subjetividade. Pela negação nos descoisificamos ou em linguagem sartreana, nos afirmamos como um **pour – soi** face a um **en – soi**. Negamos-nos enquanto en soi para assim nos afirmarmos como um pour – soi, ou seja, um ser consciente. Liberdade e consciência estão mutuamente implicadas. Ser consciente significa ser livre e isto se traduz na possibilidade de distanciamento, de transcendência, de projetar-se e recusar, isto é, de poder dizer não.

Para Sartre a liberdade é constitutiva da condição humana, isto significa que não é algo que se acrescente a ela. Ora, se liberdade é o elemento constitutivo e definidor da nossa condição humana, enquanto homens "estamos condenados à liberdade" (SARTRE, 1984, p. 510).

Esta parte da exposição é constituída dos seguintes passos:

a) Uma breve síntese da obra e referências aos principais personagens nela envolvidos;
b) Mathieu Delarue (o principal personagem) visto por ele mesmo;
c) Mathieu sob outras lentes;
d) O estatuto da liberdade em A Idade da Razão;
e) O contexto histórico é anterior à II Guerra Mundial. Esta é considerada próxima e inevitável. Brunet(aliás, o único da trama que se refere à guerra) anuncia-a: "teremos uma guerra em setembro"(SARTRE, 1983, p. 134).

Sob o pano de fundo do problema do aborto (considerado à época como um crime) o desenvolvimento da trama envolve pessoas isoladas em suas consciências individuais. Uma atmosfera de fracassos envolve os principais personagens que vivem escapando de si próprias. Culpadas, angustiadas, descompromissadas, completamente inertes face aos seus projetos existenciais (à exceção de Brunet).

Encerradas cada qual (e ao seu modo) em seus mundos privados, torna difícil o trânsito para o estabelecimento de relações intersubjetivas bem sucedidas. Aqui se faz presente a temática do olhar desenvolvida filosoficamente em O Ser e o Nada. Dentre as inúmeras referências contidas na obra podemos destacar: "Lola olhava [...] e Boris não fora capaz do menor movimento. Estava paralisado" (SARTRE, 1983, p. 30).

Existe um tema que está presente em quase todos os personagens: a velhice. Vejamos: "Estou velho" (SARTRE, 1983, p. 11) (Mathieu aos 34 anos). E ainda: "[...] depois dos 30 a gente está morto" (SARTRE, 1983, p. 203), até a personagem Ivich afirma: "Já estou velha, tenho vinte e um anos" (SARTRE, 1983, p. 71). Enfim, **a velhice** é temida por todos porque põe em cheque o projeto existencial, sinaliza para doença, a morte e enfim, para o cessar de existir.

As personagens mais relevantes para o esclarecimento da trama são as seguintes:

Marcelle – Amante de Mathieu e segundo este, vive uma vida sinistra: "Era sempre assim com ela: como um nó. Dentro em pouco não se poderia conter; estouraria. Nada a fazer senão esperar" (SARTRE, 1983, p. 15). Quanto ao relacionamento entre ambos era baseado em um "Nós nos dizemos sempre tudo" (SARTRE, 1983, p. 179). Contudo essa transparência absoluta é posta em questão. Significativa é a passagem de acordo com a qual, Mathieu tem a revelação de que Daniel e Marcelle se encontram às escondidas: *"Nós nos diziamos tudo"* (SARTRE, 1983, p. 258).

Daniel – Cujo aspecto de destaque é o fato de **viver** filosoficamente. Mathieu que é professor de filosofia, **pensa** filosoficamente. Há um momento onde Daniel critica a mania de catalogar as pessoas como guarda-chuvas ou máquinas

de costura: "Eu não sou [...] nunca se é nada" (SARTRE, 1983, p. 99).

Brunet – Ocupa no texto um lugar tão exponencial que deve ser ressaltado na medida em que constitui a antítese de Mathieu. Brunet é o que Mathieu gostaria de ser se pudesse sê-lo. E o que é ser Brunet? É ser um homem. Simplesmente. Engajado, Brunet deu um sentido à vida através da ação. Em O Ser e o Nada, Sartre afirma que a liberdade é, sendo. Somos livres sendo livres, afirmando a nossa liberdade.

Boris – Ex-aluno de Mathieu, identifica-se ou melhor, projeta-se neste. Num diálogo com Lola (cantora de cabaré e amante de Boris) ela afirma: "Parece que só te deram uma língua para falar de filosofia com teu professor" (SARTRE, 1983, p. 31). Quanto à liberdade assim a pensa Boris: "é um dever fazer o que se quer, pensar o que se bem entende, ser responsável perante si próprio apenas, analisar permanentemente o que se pensa dos outros" (SARTRE, 1983, p. 155).

Uma última personagem merece registro: Jacques – irmão de Mathieu. Porque coloca Mathieu a nu. Despe-o. Revela a sua radical ambigüidade. Adiante assinalaremos esse aspecto. Por ora, diremos que Jacques é um homem convencional: bem casado, bem sucedido financeiramente, enfim vive uma vida burguesa estável. Antes porém tinha vivenciado algumas instabilidades mas, "um belo dia acertara o passo" (SARTRE, 1983, p. 121). E ainda: "É preciso ter a coragem de fazer como todo mundo para não ser como ninguém" (SARTRE, 1983, p. 121).

a) Mathieu visto por ele mesmo.

Busca se autocompreender através de suas reminiscências. Aos 7 anos quebrara um vaso de 3000 anos: "[...] se sentira leve, diáfano [...] 'Eu fiz isso', e se sentiu orgulhoso, livre, sem peias; sem família, sem origem[...]" (SARTRE, 1983, p. 59).

Aos 21 anos lendo Spinoza afirma: "Serei livre[...]" (SARTRE, 1983, p. 59). Esta era sua aposta mais radical: "as palavras mudavam com a idade e com as modas intelectuais, mas era uma só e mesma aposta" (SARTRE, 1983, p. 60).

b) Mathieu sob outras lentes.

Marcelle: "Sua vida está cheia de oportunidades

perdidas" (SARTRE, 1983, p. 16). Quanto à decantada liberdade do filósofo: "Ser livre. Totalmente livre. É o seu vício" (SARTRE, 1983, p. 18).

Quanto a **Daniel,** a sua irônica perspectiva é a seguinte: "Se Mathieu visse as coisas como são, teria que tomar uma resolução. Mas ele não quer. Não quer perder-se. Ele é normal" (SARTRE, 1983, p. 102).

Brunet assim se refere à Mathieu: "Gosto muito de Mathieu e aprecio a inteligência dele. Se se tratasse de interpretar um texto de Spinoza ou Kant eu o consultaria por certo" (SARTRE, 1983, p. 51). Há passagens extremamente profundas quando discutem a questão da liberdade: "Mas para que te serve a liberdade, se não para tomar posição? [...] flutuas, és um abstrato, um ausente" (SARTRE, 1983, p. 133).

No que diz respeito a **Boris** há um momento bastante elucidativo da revelação especular entre mestre e discípulo: "Mathieu era tão perfeito quanto possível, mas não podia mudar ao mesmo tempo que Boris, não podia mais mudar, era perfeito demais" (SARTRE, 1983, p. 158).

Por fim **Jacques** que como já assinalamos "passa Mathieu a limpo". Como? Vejamos as seguintes afirmações: "Sabe, quando penso em você fico mais convencido ainda de que não se deve ser um homem de princípios. Você está cheio de princípios, mas não se submete a eles" (SARTRE, 1983, p. 115).

c)O estatuto da liberdade em A Idade da razão.

Para Mathieu ser livre é não ser nada:

> [...] minha liberdade é um mito... e minha vida constrói-se por debaixo desse mito com um rigor mecânico, um vazio, o sonho orgulhoso e sinistro de não ser nada, de ser sempre outra coisa diferente do que sou" (SARTRE, 1983, p. 240).

Mathieu é sobretudo um **estrangeiro** para si mesmo: "sempre lhe parecerá estar alhures, ainda não nascido completamente. Esperava[...] O que cada vez o retivera fora a ausência de motivos para fazê-lo" (SARTRE, 1983, p. 60-61).

Fundamental é a afirmação seguinte: "[...] não estava mais em nenhum lugar, era livre" (SARTRE, 1983, p. 75). Isto pode ser posto em paralelo com a tese existencialista segundo a qual, **existir é ser um ser situado,** isto é, estar comprometido. **Ser em situação** é algo insuprimível. Estarei sempre em situação nesta ou em outra. Boris afirma com acuidade: "Ele [Mathieu] não se prende a nada" (SARTRE, 1983, p.37).

Há um exemplo cabal da inércia de Mathieu contra a ordem estabelecida, contra o fato de assumir a sua condição de existente com todas as implicações dela decorrentes: "Devo decidir, julgar, mas decidir o que? [...] Para que pular corda? Para quê? Para quê? Para que resolver ser livre?" (SARTRE, 1983, p. 140). Segue-se a definição do seu estilo de vida como uma **vida desdentada.**

O projeto existencial de Mathieu parece se escoar "[...] de espera em espera, de futuro em futuro, a vida de Mathieu deslizava docemente [...] em direção a quê?" Entretanto, de um modo autêntico, sem se refugiar na má – fé, "não se julgava mais sequer, não se aceitava tampouco, era Mathieu, eis tudo" (SARTRE, 1983, p. 209).

Resta esclarecer o que significa A idade da Razão. Jacques é o primeiro a alertar Mathieu sobre essa questão: "você está na idade da razão, Mathieu, está ou deveria estar" (SARTRE, 1983, p. 121). Mathieu por identificar a idade da razão à idade da resignação, recusa a advertência de Jacques. Entretanto ao final da obra encontramos porém o seu assentimento: "Não tem dúvida, Não tem dúvida, estou na idade da razão" (SARTRE, 1983, p. 335).

4 CONCLUSÃO

Dificil esboçar uma conclusão após a leitura de uma obra prima.

Ressalta-se no texto um sentido irrealizável de liberdade que implica necessariamente em frustração. Tudo é em vão: "Um vazio" (SARTRE, 1983, p. 290). Assim o título promissor da trilogia não nos conduz a nenhum porto seguro no quesito liberdade. Ao contrário, quem desejar encontrar fórmulas, respostas, etc. vai se encontrar diante de um[...] fracasso. Sou um fraco confessa Mathieu, que recusa qualquer tipo de álibis quando afirma: "Dizer que me levava a sério" (SARTRE, 1983, p.290).

Para além de tudo isso, o que ainda pode ser constatado é a atualidade de Sartre, fazendo jus ao título deste evento. Trata-se de uma reflexão instigante, fascinante acerca da realidade – humana. Isto é sempre atual. A nossa condição de existente continua até agora, quando celebramos o centenário de nosso autor, envolta em sua indestrutível ambigüidade. Isso é perene. Como Sartre, o pensador de sempre, que afirmou no texto "As palavras": "O que eu escrevi é falso. Verdadeiro. Nem verdadeiro nem falso, como tudo que escrevi sobre os loucos e sobre os homens".

REFERÊNCIAS

HABERMAS, Jürgen. **El discurso filosófico de la modernidad.** Madrid: Taurus, 1989.

JEANSON, Francis. **Le Problème Moral et la pensée de Sartre.** Paris: Éditions du Seuil, [s.d.].

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas**. Porto: Tavares Martins, 1975.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: UNESP, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Lisboa, Editorial Presença, 1978.

_____ **A idade da razão.**Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

_____ **El ser y la nada.** Madrid, Alianza Editorial, 1984.